

Plano de Aulas para sequência didática:

João Victor Petroni Rodrigues (SP3022803)

Prática pedagógica: Leitura e produção textual III - L8TE3

Dados do plano:

Turma: 8º e 9º anos do Ensino Fundamental II

Tempo: 10 aulas de 45 minutos

Tema: Formas breves (e assustadoras): contos e microcontos de mistério e terror

Objetivo geral: Propiciar o contato dos alunos com os gêneros literários Microconto e Conto, principalmente com suas variantes de terror e mistério.

Objetivos específicos:

1. Introduzir e/ou aprofundar o gênero Microconto, levando em consideração seus elementos expressivos e estruturais próprios;
2. Aprofundar o gênero Conto, levando em consideração seus elementos expressivos e estruturais próprios;
3. Apresentar a noção de efeito estético atrelada ao conto e o microconto de terror;
4. Propiciar a reflexão sobre o medo e o suspense e sobre a fruição de obras que trabalham tais efeitos;
5. Ampliar o repertório de leituras e a capacidade analítica dos alunos;
6. Estimular a produção autoral, a autocrítica e o processo de reescrita dos alunos;
7. Possibilitar a socialização da produção autoral dos alunos e a sua expressão individual.

Desenvolvimento:

Aula 1 (O microconto de terror - introdução e leitura):

- Explicação da Sequência Didática para a turma (etapas de trabalho, temas abordados, produções autorais etc);
- Conversa inicial a respeito das experiências dos alunos com obras de terror (literatura, cinema, séries, quadrinhos etc) e provocação inicial: “É possível assustar alguém só com palavras?”;
- Introdução breve ao microconto e à sua variante de terror;
- Organização da turma em 15 grupos (duplas e/ou trios) e distribuição de 1 microconto de terror para cada grupo. Leitura do microconto e conversa a respeito dele;
- Leitura para o resto da turma do microconto recebido pelo grupo e compartilhamento das impressões a respeito dele;
- Análise do microconto #8 feita pelo professor: **a)** reduzir o texto à sua ideia simples, a fim de sugerir que ela só se torna assustadora (efetiva) quando expressada em uma forma que procure criar o efeito de medo; **b)** demonstrar como esse efeito é construído no texto; **c)** trabalhar as características do microconto que servem para a criação do efeito (tema familiar X tema estranho, escolha de palavras, progressão das frases, surpresa, ausência de explicação para o narrado, início da narrativa no meio da ação, concisão etc);
- Proposta de produção individual de um ou mais microcontos de terror.

Aula 2 (Reflexões sobre o medo):

- Socialização opcional dos microcontos dos alunos com a turma;
- Entrega dos microcontos escritos para o professor;
- Provocação inicial com base nas seguintes questões: a) do que o ser humano costuma ter medo?; b) por que o ser humano sente medo?; c) por que as pessoas gostam de ver filmes e ler/ouvir histórias de terror?; d) por que nós gostamos de assustar uns aos outros?;
- Discussão a respeito da frase de H.P. Lovecraft: “A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o mais antigo e mais forte de todos os medos é o medo do desconhecido.”. Conversa sobre coisas desconhecidas que ativam esse tipo de medo no ser humano;
- Leitura coletiva e discussão a respeito da matéria da revista Galileu “Entenda por que gostamos de sentir medo”, escrita por Rita Loiola (2009).

Aula 3 (O conto de terror - introdução e leitura):

- Discussão de passagem do microconto de terror ao conto de terror: quais semelhanças e diferenças entre os dois gêneros esperar?;
- Exposição sucinta a respeito do gênero Conto e da sua variante de terror, aproveitando as reflexões feitas pela turma na etapa anterior;
- Apresentação do conto “Assombrações de agosto”, de Gabriel García Márquez (2019), do seu autor e do seu contexto de produção;
- Leitura em voz alta e alternada do conto pelos alunos (com pausas, comentários e esclarecimentos, quando necessários);
- Atividade coletiva de leitura e resposta de um roteiro de leitura do conto, trabalhando seus aspectos de gênero, conteúdo, estrutura e expressão;
- Devolução comentada dos microcontos escritos pelos alunos (com orientação de

reescrita, se for o caso).

Aulas 4 e 5 (O terror brasileiro – segunda leitura):

- Apresentação do conto “A causa secreta”, de Machado de Assis, do seu autor e do seu contexto de produção, a partir da provocação: “Quem tem medo de Machado de Assis?”;
- Leitura em voz alta e alternada do conto pelos alunos (com pausas, comentários e esclarecimentos, quando necessário);
- Atividade coletiva de leitura e resposta de um roteiro de leitura do conto, trabalhando seus aspectos de gênero, conteúdo, estrutura e expressão;
- Entrega das reescritas de microcontos exigidas aos alunos.

Aula 6 (“Um conto sempre conta duas histórias”):

- Sistematização sucinta das características do gênero Conto e de sua variante de mistério e terror, com base nas leituras realizadas e nas respostas dos roteiros de leitura;
- Retomada mais sistemática das ideias de Ricardo Piglia sobre o conto e a forma de narrar tradicional e moderna a partir de trechos do texto “Teses sobre o conto” (2004), considerando que essas ideias terão sido tangenciadas nas questões do roteiro de leitura;
- Discussão comparativa conclusiva a respeito de “Assombrações de agosto” e “A causa secreta”, a partir da visão de Piglia: método tradicional X método moderno de narrar.

Aula 7 (Contos e microcontos de terror - conclusão e produção final):

- Conversa final a respeito de contos e microcontos e de suas variantes de terror, a partir de um roteiro reflexivo, com o propósito de auxiliar os alunos no reconhecimento das características e particularidades que constituem cada um desses gêneros, levando em conta suas semelhanças e diferenças;
- Proposta de produção final: escrita de um conto de terror com base em um dos microcontos trabalhados nas aulas anteriores (um dos 15 microcontos da Aula 1 ou o microconto escrito pelo próprio aluno);
- Entrega de um roteiro auxiliar para a transposição dos textos;
- Tempo para a produção final e para consultas e esclarecimentos de dúvidas.

Aula 8 (Trabalho de produção final):

- Entrega do conto de terror produzido ou finalização da escrita do texto;
- Leitura e devolutiva individual do professor (encaminhamento para reescrita, se necessário).

Aulas 9 e 10 (Socialização da produção final):

- Entrega definitiva dos contos de terror para o professor e devoluções e ajustes finais;
- Proposta e realização de socialização das produções: **a)** confecção de um livro de histórias de terror da turma por meio do Word (criação de capa, seleção de imagens ilustrativas, digitalização dos textos, formatação, impressão e versão em PDF) e/ou **b)** confecção manual ou virtual de “cartões poéticos” com os microcontos de terror autorais, para composição de um painel que será elencado em algum espaço da escola.

Recursos didáticos: Lousa, caderno, materiais impressos, dicionários, computador.

Avaliação: A avaliação levará em conta a participação do aluno nas atividades e discussões propostas em cada aula, bem como a realização das produções textuais exigidas e o seu progresso nelas.

Referências:

12 MICROCONTOS de terror. **Conte histórias**, 6 nov. 2016. Disponível em <https://contehistorias.com/2016/11/06/conto-12-microcontos-de-terror/>. Acesso em 5 set. 2022.

23 CONTOS de terror curtos. Zona 33, 17 nov. 2017. Disponível em <https://www.zona33.com.br/2017/11/23-contos-de-terror-curtos.html>. Acesso em 5 set. 2022.

ASSIS, Machado de. **A causa secreta**. Belém: NEAD-Unama, s/d. Cópia digital. Disponível em <https://www.livrosgratis.com.br/ler-livro-online-364/a-causa-secreta>. Acesso em 4 set. 2022.

CONCEITO de conto de terror. **Conceito de**, 2019. Disponível em <https://conceito.de/conto-de-terror>. Acesso em 5 set. 2022.

LEONARDI, Amanda. 10 microcontos de terror – Parte 2! Dá pra assustar com tão pouco? **Notaterapia**, 17 mai. 2017. Disponível em <https://notaterapia.com.br/2017/05/17/10-microcontos-de-terror-parte-ii-da-pra-assustar-com-tao-pouco/>. Acesso em 5 set. 2022.

LEONARDI, Amanda. Os incríveis microcontos de terror em duas frases: dá para assustar com tão pouco? **Notaterapia**, 30 jun. 2016. Disponível em <https://notaterapia.com.br/2016/06/30/os-incriveis-micro-contos-de-terror-em-duas-frases-da-pra-assustar-com-tao-pouco/>. Acesso em 5 set. 2022.

LOIOLA, Rita. Entenda por que gostamos de sentir medo. **Galileu**, São Paulo, 28 dez. 2009. Disponível em <http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,,EMI113919-15223-2,00-ENTENDA+POR+QUE+GOSTAMOS+DE+SENTIR+MEDO.html>. Acesso em 17 set. 2022.

MARQUES, Gabriel García. **Doze contos peregrinos**. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2019.

MICROCONTO: um novo gênero literário para as novas mídias. **Recanto das Letras**, 10 jul. 2012. Disponível em <https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/3770428>. Acesso em 5 set. 2022.

MINICONTO. **Wikipédia**, 10 jul. 2020. Disponível em <https://pt.wikipedia.org/wiki/Miniconto>. Acesso em 5 set. 2022.

MOISÉS, Massaud. **Dicionário de termos literários**. 4 ed. São Paulo: Cultrix, s/d.

OLIVEIRA, Bruno. O dinossauro e outras pequenas histórias - precisamos falar dos microcontos. **Medium**, 22 abr. 2020. Disponível em <https://medium.com/reflex%C3%B5es/o-dinossauro-e-outras-pequenas-est%C3%B3rias-74edb70f2d93>. Acesso em 5 set. 2022.

PIGLIA, Ricardo. Teses sobre o conto. *In: Formas breves*. Trad. José Marcos Mariani de Macedo. São Paulo: Companhia das Letras, 2004. p.87-94.

SEABRA, Carlos. A onda dos microcontos. **Escrevendo o futuro**, 2010. Disponível em <https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1013/a-onda-dos-microcontos>. Acesso em 5 set. 2022.

15 MICROCONTOS DE MISTÉRIO, SUSPENSE E TERROR

#1. Sempre que alguém da minha família morre, penduramos seu retrato em cima da lareira. Hoje, quando cheguei em casa, me deparei com o meu.” *(Adele Lazarin)*

#2. Acordei com o som da babá eletrônica do quarto do meu filho. Uma voz feminina cantava para ele. Quando me virei na cama, meu braço roçou em minha mulher, dormindo ao meu lado. *(Anônimo - traduzido e adaptado do Reddit).*

#3. Ela segurava a mão dele o tempo todo. O resto do corpo, guardava no porta-malas. *(Amanda Leonardi)*

#4. Eu estava tendo um sonho agradável quando o som de algo que pareciam ser batidas de martelo me acordou. Depois disso, mal pude ouvir o som da terra cobrindo o caixão, por causa dos meus próprios gritos. *(Anônimo - traduzido do Reddit)*

#5. A sombra dele cobre metade da sala ao entardecer. Mesmo depois de ele já ter morrido. *(Amanda Leonardi)*

#6. Acordei com um barulho de batidas em algum vidro. Primeiro, pensei que o som viesse da janela, até que ouvi o som vindo do espelho outra vez. *(Anônimo - traduzido do Reddit)*

#7. Uma garota ouviu sua mãe chamá-la no andar de baixo. Quando ela estava saindo do quarto, em direção às escadas, sua mãe puxou-a de volta para o quarto e disse: “eu também ouvi isso”. *(Anônimo - traduzido do Reddit)*

#8. Sempre estranhei como minha gata olhava fixamente para mim – parecia sempre olhar fixamente para o meu rosto. Até que, um dia, notei que ela estava sempre olhando para trás de mim. *(Anônimo - traduzido do Reddit)*

#9. Não há nada como o riso de um bebê. A menos que seja uma da manhã e você esteja sozinho em casa. *(Anônimo - traduzido do Reddit)*

#10. Depois do banho, ela viu que alguém a observava na janela do banheiro. Lembrou que morava no décimo andar. *(Camila Servello Aguirre)*

#11. Eu o coloco na cama e ele me fala “Papai, veja se tem monstros embaixo da minha cama”. Para acalmá-lo, eu olho, e vejo outro dele ali embaixo da cama, assustado, me encarando e sussurrando: “Papai, tem alguém na minha cama”. *(Anônimo)*

#12. Ao mexer no meu celular pela manhã, vi que havia fotos minhas dormindo em minha cama. Eu moro sozinho. *(Anônimo)*

#13. Enquanto trabalho até tarde, sinto meu gato andar sob minha cadeira. A forma como a cauda dele faz cócegas quando encosta em minhas costas é tão boa! Mas, então, através da janela vejo meu gato voltando da rua... *(Anônimo - adaptado)*

#14. Encontrei um bilhete da minha mãe na mesa da cozinha quando cheguei em casa. Dizia que ela estaria de volta às 9h30 da noite. Considerando que eu tinha acabado de chegar do seu funeral, acho que vou passar a noite em um hotel. *(Anônimo)*

#15. A última coisa que eu vi foi o meu despertador tocando à 00:07; antes ela enfiava suas longas unhas podres em meu peito, sua outra mão abafando o meu grito. Eu me sentei aliviado por ter sido só um sonho; mas quando olhei o despertador apontar 00:06, ouvi a porta do meu armário ranger. *(Anônimo - adaptado)*

Fontes:

<https://contehistorias.com/2016/11/06/conto-12-microcontos-de-terror/>

<https://notaterapia.com.br/2016/06/30/os-incriveis-micro-contos-de-terror-em-duas-frases-da-pra-assustar-com-tao-pouco/>

<https://notaterapia.com.br/2017/05/17/10-microcontos-de-terror-parte-ii-da-pra-assustar-com-tao-pouco/>

<https://www.zona33.com.br/2017/11/23-contos-de-terror-curtos.html>

Entenda por que gostamos de sentir medo (Rita Loiola) - Revista Galileu

Filmes de terror como Atividade Paranormal aproveitam-se de uma característica pouco conhecida que nós, seres humanos, possuímos: gostamos de sentir medo. Nossa intrépida repórter conversou com especialistas e revelou por que é tão bom levar sustos.

(...)

Obsessão Macabra

As aulas de ciências ensinam que medo, ansiedade e estresse ajudaram o homem a evitar o perigo e a progredir. Evolutivamente importantes, eles aumentam a eficiência do organismo, deixando-o pronto para a briga. Assim que o cérebro percebe uma ameaça, um sistema chamado circuito do medo entra em ação. Formado por núcleos cerebrais como a amígdala e o hipocampo, ele libera neuro-hormônios e neurotransmissores para defender o organismo. Dopamina, endorfina e adrenalina vão para o sangue, preparando o corpo para a reação. Só que, quando o monstro é de papelão, o cérebro percebe a pegadinha e suspende a produção das substâncias. E a alta da dopamina, que deixa o corpo atento e alerta durante esses momentos, dá sensação de prazer e calma. Como se o corpo ficasse chapado em segundos. “Liberações rápidas de dopamina provocam reações agradáveis e muito prazerosas”, diz Antônio Nardi, coordenador do Laboratório de Pânico e Respiração da UFRJ. “Só quando ela perdura no organismo vêm as reações ruins, como confusão mental e fadiga.”

Assim, dá para entender, por exemplo, por que os filmes de terror não dão sustos o tempo todo. É preciso um intervalo para causar as variações da dopamina e provocar o prazer. Mas só isso não explica o mistério do gosto provocado por quase duas horas de pavor frente à tela do cinema. Uma das hipóteses seria a de que os seres humanos são capazes de sentir emoções misturadas, de tensão e prazer, ao mesmo tempo. Assim, o medo prolongado faria sentido.

(...) “Pesquisas das duas últimas décadas mostram que somos capazes de ter os chamados ‘mixed feelings’, ou seja, ter emoções positivas e negativas ao mesmo tempo”, afirma Eduardo Andrade, professor da Universidade da Califórnia. “Sem isso fica difícil aceitar que alguém passe por um momento doloroso, como as cenas de terror, buscando prazer ou alívio”, diz. Quer dizer que sentimentos opostos, como amor e ódio, pavor e calma podem aparecer juntos enquanto alguém vê seres deformados perseguindo garotinhas meigas em corredores sem fim.

Jogos Mortais

No entanto, não é todo mundo que sente coisas boas e ruins com essas cenas. Há quem não se divirta com sangue de catchup e gritos de horror. Vídeos assim, afinal de contas, assustam. A explicação para algumas pessoas gostarem tanto — e outras nem um pouco — dos sustos está em um mecanismo mental chamado “distanciamento”. Alguém que se distrai com eles precisa estar em um ponto ideal entre o morrer de medo e o não acreditar em nenhum gritinho. “É preciso uma distância psicológica para que a narrativa de terror não fique real demais e saia do controle”, diz Paulo Dalgalarondo, coordenador de psicologia médica e psiquiatria da Unicamp. “Alguém que não sente prazer com o terror dos filmes entra demais na história e sente tanto desconforto que bloqueia a diversão de saber que aquilo não é real. Ou, então, não acredita em uma vírgula do que os protagonistas dizem.”

Cultura, sociedade e até educação entram em cena para determinar se alguém vai se divertir ou não com Atividade Paranormal. Algumas reações ao medo podem ser condicionadas e vivenciadas por cada pessoa de maneira diferente. Pais, irmãos, colegas e amigos ensinam como se portar diante de fatos ameaçadores e, pouco a pouco, é possível aprender a não entrar em pânico quando um zumbi raivoso aparece em cena.

“Nossa mente é tão complexa que consegue associar o pavor a algo completamente oposto como o prazer”, afirma Márcio Bernik, diretor do Laboratório de Ansiedade do Instituto de Psiquiatria da USP. “A intensidade do medo gera a parte física, como o suor nas mãos e o coração batendo, mas os sentimentos, pensamentos e emoções associadas a isso são condicionados. Por isso é possível transformar os estímulos de terror em algo positivo.” (...) Mesmo que a sensação física do medo não desapareça e seja semelhante em todo mundo, a resposta emocional pode ser positiva ou negativa, prazerosa ou angustiante. No fim das contas, todos sabem (ou deveriam saber) que o monstro do filme não vai sair da tela e arrancar um pedaço dos espectadores.

É esse terror controlado nos limites da tela e a consciência de que, depois da sessão, o mundo volta aos eixos, o responsável por grande parte da diversão. As duas horas de sustos e gritaria só funcionam como entretenimento porque não passam de fantasia. Ali, a angústia tem hora certa para começar, acabar e transformar-se em prazer. (...) Ou seja, o ser humano não gosta do medo pelo medo. Ele gosta das sensações de medo controlado, preso nas fronteiras do irreal e com um fim bem preciso. Assim, ele supre essa necessidade de adrenalina sem que o fim seja trágico. “Isso só é bom porque é uma emoção forte que depois acaba. A realidade, depois do terror, é sempre um final feliz”, diz o psicólogo.

O Exorcista

Emoções fortes, prazer, alívio. Também sentimos isso ao sair de férias, quando recebemos um aumento de salário ou uma boa notícia inesperada. Por que, então, escolher o terror e seu lado angustiante? Será que não vale mais a pena ficar só com o prazer e dispensar o lado negativo? A explicação está no papel cultural, psicológico e social do terror, um componente crucial na vida humana. E isso vem de longe, desde o começo da civilização ocidental. Quando o filósofo grego Aristóteles (384 a.C. - 322 a.C.) resolveu definir o efeito esperado da tragédia, ele disse que ela devia provocar no público a catarse, por meio da piedade e do... adivinha? Terror. Só assim os espectadores conseguiriam purgar seus conflitos e se arrepender de seus pecados. (...)

A definição faz sentido para o mundo de hoje quando lembramos que a arte é o espaço ideal para viver experiências que não seriam possíveis ou permitidas no mundo real. O principal dispositivo da arte é o pacto de que, durante certo tempo e em um ambiente definido, existe um faz de conta. “Coisas assustadoras ou censuradas são admitidas nesse lugar por meio da licença poética”, diz Mário Costa Pereira, professor de psicopatologia clínica da Unicamp e da Université de Provence, na França. “Há coisas da vida em sociedade que precisam ser abafadas para que ela funcione, como desejos homicidas, mesquinhos, medos e preconceitos. E a arte é onde o homem dá vazão a essas coisas muito profundas, onde ele demonstra esses sentimentos.”

Filmes de monstros e fantasmas, então, são os melhores lugares para deixar vir à tona o lado obscuro do ser humano. Não é à toa que inseguranças, dúvidas, sentimentos de solidão e abandono, pavor e

sexualidade são os temas por excelência das histórias de terror. E o sucesso milionário das histórias vem do reconhecimento de algumas facetas dessas emoções. “Há um lado da personalidade humana que se identifica com aspectos do mal representado. Por isso, vampiros e perseguidores são personagens clássicas: há sempre um lado perseguidor e sugador dentro de cada um de nós”, afirma Mário. “Filmes de horror são chances de elaboração de questões pessoais por meio das imagens.”

Assim, essas histórias também viram oportunidades para, além de confrontar emoções sombrias, descobrir como lidar com elas, encontrar soluções ou mesmo iluminar áreas sentimentais escondidas. (...) “O horror é um fenômeno tão duradouro porque, no fundo, é muito mais que uma diversão. É um momento sério de contato com questões profundas do ser humano de forma muito crua e até física”, diz o professor. “Sem nos darmos conta, ele discute dilemas como a morte, o mal, o sentido da vida e até a existência de Deus. Existe algo mais sério do que isso?”

A Hora do Pesadelo

E se isso tudo é tão importante, por que diabos (opa!) ele adquire justamente a forma de bichos bizarros e seres de magia negra? Como se desconfia, a estética do horror está intimamente ligada aos pesadelos que, volta e meia, assustam as noites. E aí vem mais um indício para desvendar o fascínio humano pelo terror. Crianças, mesmo as menorzinhas, adoram histórias de monstros devoradores de gente, muito sangue e confusão. E é nesse período que elas têm mais pesadelos.

A explicação de Freud, o austríaco fundador da psicanálise, para o fenômeno é que a molecada precisa dessas narrativas apavorantes para construir seu psiquismo. Essas coisas assustadoras e disformes, parte do mundo interno e primitivo de qualquer um, vão tomando forma com as imagens dos sonhos ruins e das histórias pavorosas. “Essas narrativas tiram o medo que está dentro do ser humano, projetando para fora os objetos de pavor”, afirma o psicanalista Ernesto Duvidovich, diretor do Centro de Estudos Psicanalíticos de São Paulo.

Daí a contrapartida psicológica para o alívio físico sentido durante os filmes de terror. Quando um medo ou uma angústia sem sentido começa a ter forma e é direcionado, a sensação de desafogo vinda da explicação é boa. “Prazer e desprazer são polos opostos entre os quais o homem caminha o tempo todo. Quanto mais perto da realidade e mais arriscada for a cena, mais emocionante. Assim, a identificação com o que a pessoa está sentindo é quase perfeita”, diz o psicanalista.

O mesmo vale para a relação entre os contos de fada (que em suas versões originais sempre são mais violentos que as adaptações da Disney) e os longas de terror. “Os filmes de horror modernos têm para o adolescente a mesma função que os contos de fada para as crianças, ou seja, para avisar que existe mal nos lugares menos suspeitos”, afirma o psicólogo Jeffrey Goldstein, professor da Universidade de Utrecht, na Holanda, em seu livro *Why We Watch: The Attractions of Violent Entertainment* (Por que Assistimos: As Atrações do Entretenimento Violento, sem edição em português). “Além disso, um dos objetivos é o desejo de controlar imagens ameaçadoras ou demonstrar a habilidade de tolerá-las.”

Afinal, medos e fobias, em seu princípio mais primitivo, são apenas formas que encontramos para ensaiar o que fazer frente a situações angustiantes reais. Por meio de cenas imaginárias, treinamos as reações para sabermos exatamente o que fazer no mundo real.

Faces da morte

Por isso, cada época tem seus monstros. No início do século passado, os vampiros apavoravam as noites escuras e sem eletricidade com seus longos caninos. Nos anos 90, continuaram malvados, mas ganharam representação na pele pálida de galãs como Brad Pitt e Tom Cruise. Agora são adolescentes branquelos, quase inofensivos, que brilham como diamantes à luz do sol e tentam evitar pescoços apetitosos. A explicação para essa mudança está na cultura: até o conde Drácula precisa se adaptar aos novos tempos.

A forma de lidar com a morte e o perigo são únicas em cada época e essa é a razão por que nossos objetos de medo mudam. (...)

De forma bem criativa, a linguagem do terror tem uma ligação estreita com a evolução do sagrado, do religioso e da morte através dos séculos. “Narrativas de desastre ou horror são jeitos seguros e rotineiros de brincar com a morte. Elas são respostas para o mais prosaico e persistente dos medos: o medo da morte”, diz Joanna Bourke, autora do livro *Fear: A Cultural History* (Medo: Uma História Cultural, sem edição em português).

Por isso, hoje, bactérias, micróbios e doenças fora de controle tomaram o lugar dos espíritos do mal de outras épocas e cientistas substituem as bruxas em uma era em que a ciência é tão ameaçadora como as pestes da Idade Média. As bombas, armas nucleares e as bactérias assassinas que horrorizam os cinemas do século 21 foram criados em laboratórios, da mesma forma que o mal dos tempos antigos era obra do capeta.

“Quem vê um filme de terror não está apenas tentando fugir da realidade, mas sim tentando entendê-la melhor”, afirma Adam Lowenstein, professor de cinema da Universidade de Pittsburgh e autor do livro *Shocking Representation: Historical Trauma, National Cinema and the Modern Horror Film* (Representações Chocantes: Trauma Histórico, Cinema Nacional e o Filme de Terror Moderno, sem edição em português). “O horror oferece uma forma de compreender a realidade atual que não existe em outro lugar.”

Ou seja, suando frio, com os olhos arregalados e o coração aos pulos, o conhecimento do mundo que o terror oferece é físico, além de intelectual. “Uma coisa é entender a sociedade, a política e a cultura com a cabeça e outra, completamente diferente, é compreender tudo isso com o corpo. O horror nos tira da zona de conforto e expõe coisas que, de outra forma, não teríamos coragem de enfrentar. E é essa combinação que atrai tantas pessoas para o cinema”, diz.

(...)

Em uma sala escura, feita para levar a audiência a um outro plano da realidade, cercado de pessoas que compartilham os mesmos temores (o slogan do filme é “não assista sozinho”), o espectador sente-se ao mesmo tempo aterrorizado e calmo ao ver e lidar com o horror. “O filme de terror funciona como uma vacina, é como usar o mesmo veneno que está te matando em pequenas doses para te curar”, afirma Lowenstein. O que significa que vou continuar com medo, mas, pelo menos, agora entendo por que isso pode ser tão fascinante.

Assombrações de Agosto (Gabriel García Márquez) *

Chegamos a Arezzo pouco antes do meio-dia, e perdemos mais de duas horas buscando o castelo renascentista que o escritor venezuelano Miguel Otero Silva havia comprado naquele rincão idílico da planície toscana. Era um domingo de princípios de agosto, ardente e buliçoso, e não era fácil encontrar alguém que soubesse alguma coisa nas ruas abarrotadas de turistas.

Após muitas tentativas inúteis voltamos ao automóvel, abandonamos a cidade por uma trilha de ciprestes sem indicações viárias, e uma velha pastora de gansos indicou-nos com precisão onde estava o castelo. Antes de se despedir, perguntou-nos se pensávamos dormir por lá, e respondemos, pois era o que tínhamos planejado, que só íamos almoçar.

- Ainda bem - disse ela -, porque a casa é assombrada. Minha esposa e eu, que não acreditamos em aparições de meio-dia, debochamos de sua credulidade. Mas nossos dois filhos, de nove e sete anos, ficaram alvoroçados com a ideia de conhecer um fantasma em pessoa.

Miguel Otero Silva, que além de bom escritor era um anfitrião esplêndido e um comilão refinado, nos esperava com um almoço de nunca esquecer. Como havia ficado tarde não tivemos tempo de conhecer o interior do castelo antes de sentarmos à mesa, mas seu aspecto visto de fora não tinha nada de pavoroso, e qualquer inquietação se dissipava com a visão completa da cidade vista do terraço florido onde almoçávamos.

Era difícil acreditar que naquela colina de casas empoleiradas, onde mal cabiam noventa mil pessoas, houvessem nascido tantos homens de gênio perdurável. Ainda assim, Miguel Otero Silva nos disse com seu humor caribenho que nenhum de tantos era o mais insigne de Arezzo.

- O maior - sentenciou - foi Ludovico.

Assim, sem sobrenome: Ludovico, o grande senhor das artes e da guerra, que havia construído aquele castelo de sua desgraça, e de quem Miguel Otero nos falou durante o almoço inteiro. Falou-nos de seu poder imenso, de seu amor contrariado e de sua morte espantosa. Contou-nos como foi que num instante de loucura do coração havia apunhalado sua dama no leito onde tinham acabado de se amar, e depois atçou contra si mesmo seus ferozes cães de guerra que o despedaçaram a dentadas. Garantiu-nos, muito a sério, que a partir da meia-noite o espectro de Ludovico perambulava pela casa em trevas tentando conseguir sossego em seu purgatório de amor.

O castelo, na realidade, era imenso e sombrio.

Mas em pleno dia, com o estômago cheio e o coração contente, o relato de Miguel só podia parecer outra de suas tantas brincadeiras para entreter seus convidados. Os 82 quartos que percorremos sem assombro depois da sesta tinham padecido de todo tipo de mudanças graças aos seus donos sucessivos. Miguel havia restaurado por completo o primeiro andar e tinha construído para si um dormitório moderno com piso de mármore e instalações para sauna e cultura física, e o terraço de flores imensas onde havíamos almoçado. O segundo andar, que tinha sido o mais usado no curso dos séculos, era uma sucessão de quartos sem nenhuma personalidade, com móveis de diferentes épocas abandonados à própria sorte. Mas no último andar era conservado um quarto intacto por onde o tempo tinha esquecido de passar. Era o dormitório de Ludovico.

Foi um instante mágico. Lá estava a cama de cortinas bordadas com fios de ouro, e o cobre-leito de prodígios de passamanarias ainda enrugado pelo sangue seco da amante sacrificada. Estava a lareira com as cinzas geladas e o último tronco de lenha convertido em pedra, o armário com suas armas bem escovadas, e o retrato a óleo do cavalheiro pensativo numa

moldura de ouro, pintado por algum dos mestres florentinos que não teve a sorte de sobreviver ao seu tempo. No entanto, o que mais me impressionou foi o perfume de morangos recentes que permanecia estancado sem explicação possível no ambiente do dormitório.

Os dias de verão são longos e parcimoniosos na Toscana, e o horizonte se mantém em seu lugar até as nove da noite. Quando terminamos de conhecer o castelo eram mais de cinco da tarde, mas Miguel insistiu em levar-nos para ver os afrescos de Piero della Francesca na Igreja de São Francisco, depois tomamos um café com muita conversa debaixo das pérgulas da praça, e quando regressamos para buscar as malas encontramos a mesa posta. Portanto, ficamos para jantar.

Enquanto jantávamos, debaixo de um céu de malva com uma única estrela, as crianças acenderam algumas tochas na cozinha e foram explorar as trevas nos andares altos. Da mesa ouvíamos seus galopes de cavalos errantes pelas escadarias, os lamentos das portas, os gritos felizes chamando Ludovico nos quartos tenebrosos. Foi deles a má ideia de ficarmos para dormir. Miguel Otero Silva apoiou-os encantado, e nós não tivemos a coragem civil de dizer que não.

Ao contrário do que eu temia, dormimos muito bem, minha esposa e eu num dormitório do andar térreo e meus filhos no quarto contíguo. Ambos haviam sido modernizados e não tinham nada de tenebrosos.

Enquanto tentava conseguir sono contei os doze toques insones do relógio de pêndulo da sala e recordei a advertência pavorosa da pastora de gansos. Mas estávamos tão cansados que dormimos logo, num sono denso e contínuo, e despertei depois das sete com um sol esplêndido entre as trepadeiras da janela. Ao meu lado, minha esposa navegava no mar aprazível dos inocentes. "Que bobagem", disse a mim mesmo, "alguém continuar acreditando em fantasmas nestes tempos." Só então estremei com o perfume de morangos recém-cortados, e vi a lareira com as cinzas frias e a última lenha convertida em pedra, e o retrato do cavalheiro triste que nos olhava há três séculos por trás na moldura de ouro.

Pois não estávamos na alcova do térreo onde havíamos deitado na noite anterior, e sim no dormitório de Ludovico, debaixo do dossel e das cortinas empoeirentas e dos lençóis empapados de sangue ainda quente de sua cama maldita.

In: MARQUES, Gabriel García. **Doze Contos Peregrinos. Trad. Eric Nepomuceno. Rio de Janeiro: Record, 2019.*

Glossário de palavras e nomes:

***Arezzo:** cidade histórica italiana na região da Toscana (Itália central);

***Miguel Otero Silva:** Escritor, humorista, jornalista e político venezuelano (1908-1985), admirado por Gabriel García Marques;

***Rincão:** lugar oculto, remoto, pequeno, recanto;

***Idílico:** pastoril, bucólico, campestre, puro, feliz, tranquilo;

***Toscano:** relativo à região da Toscana, na Itália;

***Buliçoso:** que se move sem parar, inquieto, ativo;

***Perdurável:** que dura, duradouro;

- ***Insigne:** que se destaca por seus méritos, ilustre, famoso, célebre, extraordinário;
- ***Purgatório:** que purga, que purifica, purgativo / para os católicos, lugar onde as almas dos que não foram condenados ao Inferno expiam seus pecados antes de poderem entrar no Céu;
- ***Sesta:** tempo de descanso na hora do dia em que é mais calor, sono pós-almoço;
- ***Passamanaria:** arte de fazer tecidos com fios entretecidos de ouro, prata ou seda que adornam móveis, roupas etc;
- ***Florentino:** relativo à cidade de Florença, na Itália (capital da Toscana);
- ***Parcimonioso:** que tem parcimônia, sóbrio, moderado, econômico;
- ***Afresco:** tipo de pintura feita sobre reboco fresco e úmido, com tinta diluída em água de cal (muito utilizada durante o Renascimento);
- ***Pérgula:** lugar para passear com cobertura decorativa de ramos e folhas, terraço coberto;
- ***Malva:** cor arroxeadada parecida com as flores da planta malva;
- ***Insone:** que sofre de insônia, que não dorme;
- ***Alcova:** pequeno quarto interior de dormir, quarto de casal;
- ***Dossel:** armação de madeira, forrada de tecidos suntuosos, que se coloca sobre altares, tronos, leitos etc, cobertura.

A Causa Secreta

de Machado de Assis

Garcia, em pé, mirava e estalava as unhas; Fortunato, na cadeira de balanço, olhava para o tecto; Maria Luísa, perto da janela, concluía um trabalho de agulha. Havia já cinco minutos que nenhum deles dizia nada. Tinham falado do dia, que estivera excelente, — de Catumbi, onde morava o casal Fortunato, e de uma casa de saúde, que adiante se explicará. Como os três personagens aqui presentes estão agora mortos e enterrados, tempo é de contar a história sem rebuço.

Tinham falado também de outra cousa, além daquelas três, cousa tão feia e grave, que não lhes deixou muito gosto para tratar do dia, do bairro e da casa de saúde. Toda a conversação a este respeito foi constrangida. Agora mesmo, os dedos de Maria Luísa parecem ainda trêmulos, ao passo que há no rosto de Garcia uma expressão de severidade, que lhe não é habitual. Em verdade, o que se passou foi de tal natureza, que para fazê-lo entender é preciso remontar à origem da situação.

Garcia tinha-se formado em medicina, no ano anterior, 1861. No de 1860, estando ainda na Escola, encontrou-se com Fortunato, pela primeira vez, à porta da Santa Casa; entrava, quando o outro saía. Fez-lhe impressão a figura; mas, ainda assim, tê-la-ia esquecido, se não fosse o segundo encontro, poucos dias depois. Morava na rua de D. Manoel. Uma de suas raras distrações era ir ao teatro de S. Januário, que ficava perto, entre essa rua e a praia; ia uma ou duas vezes por mês, e nunca achava acima de quarenta pessoas. Só os mais intrépidos ousavam estender os passos até aquele recanto da cidade. Uma noite, estando nas cadeiras, apareceu ali Fortunato, e sentou-se ao pé dele.

A peça era um dramalhão, cosido a facadas, ouriçado de imprecações e remorsos; mas Fortunato ouvia-a com singular interesse. Nos lances dolorosos, a atenção dele redobrava, os olhos iam avidamente de um personagem a outro, a tal ponto que o estudante suspeitou haver na peça reminiscências pessoais do vizinho. No fim do drama, veio uma farsa; mas Fortunato não esperou por ela e saiu; Garcia saiu atrás dele. Fortunato foi pelo beco do Cotovelo, rua de S. José, até o largo da Carioca. Ia devagar, cabisbaixo, parando às vezes, para dar uma bengalada em algum cão que dormia; o cão ficava ganindo e ele ia andando. No largo da Carioca entrou num tálburi, e seguiu para os lados da praça da Constituição. Garcia voltou para casa sem saber mais nada.

Decorreram algumas semanas. Uma noite, eram nove horas, estava em casa, quando ouviu rumor de vozes na escada; desceu logo do sótão, onde morava, ao primeiro andar, onde vivia um empregado do arsenal de guerra. Era este que alguns homens conduziam, escada acima, ensangüentado. O preto que o servia acudiu a abrir a porta; o homem gemia, as vozes eram confusas, a luz pouca. Deposto o ferido na cama, Garcia disse que era preciso chamar um médico.

— Já aí vem um, acudiu alguém.

Garcia olhou: era o próprio homem da Santa Casa e do teatro. Imaginou que seria parente ou amigo do ferido; mas rejeitou a suposição, desde que lhe ouvira perguntar se este tinha família ou pessoa próxima. Disse-lhe o preto que não, e ele assumiu a direção do serviço, pediu às pessoas estranhas que se retirassem, pagou

aos carregadores, e deu as primeiras ordens. Sabendo que o Garcia era vizinho e estudante de medicina pediu-lhe que ficasse para ajudar o médico. Em seguida contou o que se passara.

— Foi uma malta de capoeiras. Eu vinha do quartel de Moura, onde fui visitar um primo, quando ouvi um barulho muito grande, e logo depois um ajuntamento. Parece que eles feriram também a um sujeito que passava, e que entrou por um daqueles becos; mas eu só vi a este senhor, que atravessava a rua no momento em que um dos capoeiras, roçando por ele, meteu-lhe o punhal. Não caiu logo; disse onde morava e, como era a dois passos, achei melhor trazê-lo.

— Conhecia-o antes? perguntou Garcia.

— Não, nunca o vi. Quem é?

— É um bom homem, empregado no arsenal de guerra. Chama-se Gouveia.

— Não sei quem é.

Médico e subdelegado vieram daí a pouco; fez-se o curativo, e tomaram-se as informações. O desconhecido declarou chamar-se Fortunato Gomes da Silveira, ser capitalista, solteiro, morador em Catumbi. A ferida foi reconhecida grave. Durante o curativo ajudado pelo estudante, Fortunato serviu de criado, segurando a bacia, a vela, os panos, sem perturbar nada, olhando friamente para o ferido, que gemia muito. No fim, entendeu-se particularmente com o médico, acompanhou-o até o patamar da escada, e reiterou ao subdelegado a declaração de estar pronto a auxiliar as pesquisas da polícia. Os dous saíram, ele e o estudante ficaram no quarto.

Garcia estava atônito. Olhou para ele, viu-o sentar-se tranqüilamente, estirar as pernas, meter as mãos nas algibeiras das calças, e fitar os olhos no ferido. Os olhos eram claros, cor de chumbo, moviam-se devagar, e tinham a expressão dura, seca e fria. Cara magra e pálida; uma tira estreita de barba, por baixo do queixo, e de uma têmpera a outra, curta, ruiva e rara. Teria quarenta anos. De quando em quando, voltava-se para o estudante, e perguntava alguma coisa acerca do ferido; mas tornava logo a olhar para ele, enquanto o rapaz lhe dava a resposta. A sensação que o estudante recebia era de repulsa ao mesmo tempo que de curiosidade; não podia negar que estava assistindo a um ato de rara dedicação, e se era desinteressado como parecia, não havia mais que aceitar o coração humano como um poço de mistérios.

Fortunato saiu pouco antes de uma hora; voltou nos dias seguintes, mas a cura fez-se depressa, e, antes de concluída, desapareceu sem dizer ao obsequiado onde morava. Foi o estudante que lhe deu as indicações do nome, rua e número.

— Vou agradecer-lhe a esmola que me fez, logo que possa sair, disse o convalescente.

Correu a Catumbi daí a seis dias. Fortunato recebeu-o constrangido, ouviu impaciente as palavras de agradecimento, deu-lhe uma resposta enfasiada e acabou batendo com as borlas do chambre no joelho. Gouveia, defronte dele, sentado e calado, alisava o chapéu com os dedos, levantando os olhos de quando em quando, sem achar mais nada que dizer. No fim de dez minutos, pediu licença para sair, e saiu.

— Cuidado com os capoeiras! disse-lhe o dono da casa, rindo-se.

O pobre-diabo saiu de lá mortificado, humilhado, mastigando a custo o desdém, forcejando por esquecê-lo, explicá-lo ou perdoá-lo, para que no coração só ficasse a memória do benefício; mas o esforço era vão. O ressentimento, hóspede novo e exclusivo, entrou e pôs fora o benefício, de tal modo que o desgraçado não teve mais que trepar à cabeça e refugiar-se ali como uma simples idéia. Foi assim que o próprio benfeitor insinuou a este homem o sentimento da ingratidão.

Tudo isso assombrou o Garcia. Este moço possuía, em gérmen, a faculdade de decifrar os homens, de decompor os caracteres, tinha o amor da análise, e sentia o regalo, que dizia ser supremo, de penetrar muitas camadas morais, até apalpar o segredo de um organismo. Picado de curiosidade, lembrou-se de ir ter com o homem de Catumbi, mas advertiu que nem recebera dele o oferecimento formal da casa. Quando menos, era-lhe preciso um pretexto, e não achou nenhum.

Tempos depois, estando já formado e morando na rua de Matacavalos, perto da do Conde, encontrou Fortunato em uma gôndola, encontrou-o ainda outras vezes, e a freqüência trouxe a familiaridade. Um dia Fortunato convidou-o a ir visitá-lo ali perto, em Catumbi.

— Sabe que estou casado?

— Não sabia.

— Casei-me há quatro meses, podia dizer quatro dias. Vá jantar conosco domingo.

— Domingo?

— Não esteja forjando desculpas; não admito desculpas. Vá domingo.

Garcia foi lá domingo. Fortunato deu-lhe um bom jantar, bons charutos e boa palestra, em companhia da senhora, que era interessante. A figura dele não mudara; os olhos eram as mesmas chapas de estanho, duras e frias; as outras feições não eram mais atraentes que dantes. Os obséquios, porém, se não resgatavam a natureza, davam alguma compensação, e não era pouco. Maria Luísa é que possuía ambos os feitiços, pessoa e modos. Era esbelta, airoso, olhos meigos e submissos; tinha vinte e cinco anos e parecia não passar de dezenove. Garcia, à segunda vez que lá foi, percebeu que entre eles havia alguma dissonância de caracteres, pouca ou nenhuma afinidade moral, e da parte da mulher para com o marido uns modos que transcendiam o respeito e confinavam na resignação e no temor. Um dia, estando os três juntos, perguntou Garcia a Maria Luísa se tivera notícia das circunstâncias em que ele conhecera o marido.

— Não, respondeu a moça.

— Vai ouvir uma ação bonita.

— Não vale a pena, interrompeu Fortunato.

— A senhora vai ver se vale a pena, insistiu o médico.

Contou o caso da rua de D. Manoel. A moça ouviu-o espantada. Insensivelmente estendeu a mão e apertou o pulso ao marido, risonha e agradecida, como se acabasse de descobrir-lhe o coração. Fortunato sacudia os ombros, mas não ouvia com indiferença. No fim contou ele próprio a visita que o ferido lhe fez, com todos os pormenores da figura, dos gestos, das palavras atadas, dos silêncios, em suma, um estúrdio. E ria muito ao contá-la. Não era o riso da dobrez. A dobrez é evasiva e oblíqua; o riso dele era jovial e franco.

" Singular homem!" pensou Garcia.

Maria Luísa ficou desconsolada com a zombaria do marido; mas o médico restituiu-lhe a satisfação anterior, voltando a referir a dedicação deste e as suas raras qualidades de enfermeiro; tão bom enfermeiro, concluiu ele, que, se algum dia fundar uma casa de saúde, irei convidá-lo.

— Valeu? perguntou Fortunato.

— Valeu o quê?

— Vamos fundar uma casa de saúde?

— Não valeu nada; estou brincando.

— Podia-se fazer alguma cousa; e para o senhor, que começa a clínica, acho que seria bem bom. Tenho justamente uma casa que vai vagar, e serve.

Garcia recusou nesse e no dia seguinte; mas a idéia tinha-se metido na cabeça ao outro, e não foi possível recuar mais. Na verdade, era uma boa estréia para ele, e podia vir a ser um bom negócio para ambos. Aceitou finalmente, daí a dias, e foi uma desilusão para Maria Luísa. Criatura nervosa e frágil, padecia só com a idéia de que o marido tivesse de viver em contato com enfermidades humanas, mas não ousou opor-se-lhe, e curvou a cabeça. O plano fez-se e cumpriu-se depressa. Verdade é que Fortunato não curou de mais nada, nem então, nem depois. Aberta a casa, foi ele o próprio administrador e chefe de enfermeiros, examinava tudo, ordenava tudo, compras e caldos, drogas e contas.

Garcia pôde então observar que a dedicação ao ferido da rua D. Manoel não era um caso fortuito, mas assentava na própria natureza deste homem. Via-o servir como nenhum dos fâmulos. Não recuava diante de nada, não conhecia moléstia aflitiva ou repelente, e estava sempre pronto para tudo, a qualquer hora do dia ou da noite. Toda a gente pasmava e aplaudia. Fortunato estudava, acompanhava as operações, e nenhum outro curava os cáusticos.

— Tenho muita fé nos cáusticos, dizia ele.

A comunhão dos interesses apertou os laços da intimidade. Garcia tornou-se familiar na casa; ali jantava quase todos os dias, ali observava a pessoa e a vida de Maria Luísa, cuja solidão moral era evidente. E a solidão como que lhe duplicava o encanto. Garcia começou a sentir que alguma coisa o agitava, quando ela aparecia, quando falava, quando trabalhava, calada, ao canto da janela, ou tocava ao piano umas músicas tristes. Manso e manso, entrou-lhe o amor no coração. Quando deu por ele, quis expeli-lo para que entre ele e Fortunato não houvesse outro laço que o da amizade; mas não pôde. Pôde apenas trancá-lo; Maria Luísa compreendeu ambas as coisas, a afeição e o silêncio, mas não se deu por achada.

No começo de outubro deu-se um incidente que desvendou ainda mais aos olhos do médico a situação da moça. Fortunato metera-se a estudar anatomia e fisiologia, e ocupava-se nas horas vagas em rasgar e envenenar gatos e cães. Como os guinchos dos animais atordoavam os doentes, mudou o laboratório para casa, e a mulher, compleição nervosa, teve de os sofrer. Um dia, porém, não podendo mais, foi ter com o médico e pediu-lhe que, como cousa sua, alcançasse do marido a cessação de tais experiências.

— Mas a senhora mesma...

Maria Luísa acudiu, sorrindo:

— Ele naturalmente achará que sou criança. O que eu queria é que o senhor, como médico, lhe dissesse que isso me faz mal; e creia que faz...

Garcia alcançou prontamente que o outro acabasse com tais estudos. Se os foi fazer em outra parte, ninguém o soube, mas pode ser que sim. Maria Luísa agradeceu ao médico, tanto por ela como pelos animais, que não podia ver padecer. Tossia de quando em quando; Garcia perguntou-lhe se tinha alguma coisa, ela respondeu que nada.

— Deixe ver o pulso.
— Não tenho nada.

Não deu o pulso, e retirou-se. Garcia ficou apreensivo. Cuidava, ao contrário, que ela podia ter alguma coisa, que era preciso observá-la e avisar o marido em tempo.

Dois dias depois, — exatamente o dia em que os vemos agora, — Garcia foi lá jantar. Na sala disseram-lhe que Fortunato estava no gabinete, e ele caminhou para ali; ia chegando à porta, no momento em que Maria Luísa saía aflita.

— Que é? perguntou-lhe.
— O rato! O rato! exclamou a moça sufocada e afastando-se.

Garcia lembrou-se que na véspera ouvira ao Fortunato queixar-se de um rato, que lhe levava um papel importante; mas estava longe de esperar o que viu. Viu Fortunato sentado à mesa, que havia no centro do gabinete, e sobre a qual pusera um prato com espírito de vinho. O líquido flamejava. Entre o polegar e o índice da mão esquerda segurava um barbante, de cuja ponta pendia o rato atado pela cauda. Na direita tinha uma tesoura. No momento em que o Garcia entrou, Fortunato cortava ao rato uma das patas; em seguida desceu o infeliz até a chama, rápido, para não matá-lo, e dispôs-se a fazer o mesmo à terceira, pois já lhe havia cortado a primeira. Garcia estacou horrorizado.

— Mate-o logo! disse-lhe.
— Já vai.

E com um sorriso único, reflexo de alma satisfeita, alguma coisa que traduzia a delícia íntima das sensações supremas, Fortunato cortou a terceira pata ao rato, e fez pela terceira vez o mesmo movimento até a chama. O miserável estorcia-se, guinchando, ensangüentado, chamuscado, e não acabava de morrer. Garcia desviou os olhos, depois voltou-os novamente, e estendeu a mão para impedir que o suplício continuasse, mas não chegou a fazê-lo, porque o diabo do homem impunha medo, com toda aquela serenidade radiosa da fisionomia. Faltava cortar a última pata; Fortunato cortou-a muito devagar, acompanhando a tesoura com os olhos; a pata caiu, e ele ficou olhando para o rato meio cadáver. Ao descê-lo pela quarta vez, até a chama, deu ainda mais rapidez ao gesto, para salvar, se pudesse, alguns farrapos de vida.

Garcia, defronte, conseguia dominar a repugnância do espetáculo para fixar a cara do homem. Nem raiva, nem ódio; tão-somente um vasto prazer, quieto e

profundo, como daria a outro a audição de uma bela sonata ou a vista de uma estátua divina, alguma coisa parecida com a pura sensação estética. Pareceu-lhe, e era verdade, que Fortunato havia-o inteiramente esquecido. Isto posto, não estaria fingindo, e devia ser aquilo mesmo. A chama ia morrendo, o rato podia ser que tivesse ainda um resíduo de vida, sombra de sombra; Fortunato aproveitou-o para cortar-lhe o focinho e pela última vez chegar a carne ao fogo. Afinal deixou cair o cadáver no prato, e arredou de si toda essa mistura de chamusco e sangue.

Ao levantar-se deu com o médico e teve um sobressalto. Então, mostrou-se enraivecido contra o animal, que lhe comera o papel; mas a cólera evidentemente era fingida.

"Castiga sem raiva", pensou o médico, "pela necessidade de achar uma sensação de prazer, que só a dor alheia lhe pode dar: é o segredo deste homem".

Fortunato encareceu a importância do papel, a perda que lhe trazia, perda de tempo, é certo, mas o tempo agora era-lhe preciosíssimo. Garcia ouvia só, sem dizer nada, nem lhe dar crédito. Relembrava os atos dele, graves e leves, achava a mesma explicação para todos. Era a mesma troca das teclas da sensibilidade, um diletantismo sui generis, uma redução de Calígula.

Quando Maria Luísa voltou ao gabinete, daí a pouco, o marido foi ter com ela, rindo, pegou-lhe nas mãos e falou-lhe mansamente:

— Fracalhona!

E voltando-se para o médico:

— Há de crer que quase desmaiou?

Maria Luísa defendeu-se a medo, disse que era nervosa e mulher; depois foi sentar-se à janela com as suas lãs e agulhas, e os dedos ainda trêmulos, tal qual a vimos no começo desta história. Não de lembrar-se que, depois de terem falado de outras coisas, ficaram calados os três, o marido sentado e olhando para o teto, o médico estalando as unhas. Pouco depois foram jantar; mas o jantar não foi alegre. Maria Luísa cismava e tossia; o médico indagava de si mesmo se ela não estaria exposta a algum excesso na companhia de tal homem. Era apenas possível; mas o amor trocou-lhe a possibilidade em certeza; tremeu por ela e cuidou de os vigiar.

Ela tossia, tossia, e não se passou muito tempo que a moléstia não tirasse a máscara. Era a tísica, velha dama insaciável, que chupa a vida toda, até deixar um bagaço de ossos. Fortunato recebeu a notícia como um golpe; amava deveras a mulher, a seu modo, estava acostumado com ela, custava-lhe perdê-la. Não poupou esforços, médicos, remédios, ares, todos os recursos e todos os paliativos. Mas foi tudo vão. A doença era mortal.

Nos últimos dias, em presença dos tormentos supremos da moça, a índole do marido subjugou qualquer outra afeição. Não a deixou mais; fitou o olho baço e frio naquela decomposição lenta e dolorosa da vida, bebeu uma a uma as aflições da bela criatura, agora magra e transparente, devorada de febre e minada de morte. Egoísmo aspérrimo, faminto de sensações, não lhe perdoou um só minuto de agonia, nem lhos pagou com uma só lágrima, pública ou íntima. Só quando ela expirou, é que ele ficou aturdido. Voltando a si, viu que estava outra vez só.

De noite, indo repousar uma parenta de Maria Luísa, que a ajudara a morrer, ficaram na sala Fortunato e Garcia, velando o cadáver, ambos pensativos; mas o próprio marido estava fatigado, o médico disse-lhe que repousasse um pouco.

— Vá descansar, passe pelo sono uma hora ou duas: eu irei depois.

Fortunato saiu, foi deitar-se no sofá da saleta contígua, e adormeceu logo. Vinte minutos depois acordou, quis dormir outra vez, cochilou alguns minutos, até que se levantou e voltou à sala. Caminhava nas pontas dos pés para não acordar a parenta, que dormia perto. Chegando à porta, estacou assombrado.

Garcia tinha-se chegado ao cadáver, levantara o lenço e contemplara por alguns instantes as feições defuntas. Depois, como se a morte espiritualizasse tudo, inclinou-se e beijou-a na testa. Foi nesse momento que Fortunato chegou à porta. Estacou assombrado; não podia ser o beijo da amizade, podia ser o epílogo de um livro adúltero. Não tinha ciúmes, note-se; a natureza compô-lo de maneira que lhe não deu ciúmes nem inveja, mas dera-lhe vaidade, que não é menos cativa ao ressentimento.

Olhou assombrado, mordendo os beiços.

Entretanto, Garcia inclinou-se ainda para beijar outra vez o cadáver; mas então não pôde mais. O beijo rebentou em soluços, e os olhos não puderam conter as lágrimas, que vieram em borbotões, lágrimas de amor calado, e irremediável desespero. Fortunato, à porta, onde ficara, saboreou tranqüilo essa explosão de dor moral que foi longa, muito longa, deliciosamente longa.

FIM

“A causa secreta” - Glossário

- ***Rebuço:** disfarce, escrúpulo, fingimento;
- ***Intrépido:** destemido, ousado, firme;
- ***Cosido:** costurado;
- ***Ouriçado:** encrespado, arrepiado, espetado, agressivo;
- ***Reminiscência:** lembrança inconsciente, lembrança vaga;
- ***Farsa:** peça de teatro popular e cômica;
- ***Tílburi:** carruagem leve e pequena de duas rodas, com dois assentos;
- ***Malta:** multidão, bando, grupo de pessoas de baixa condição (pejorativo);
- ***Reiterar:** repetir, fazer de novo;
- ***Algibeira:** bolso feito em uma peça de roupa;
- ***Obsequiado:** pessoa que recebe favores ou serviços;
- ***Convalescente:** pessoa que está se recuperando de uma doença ou cirurgia;
- ***Enfastiado:** entediado, impaciente;
- ***Borlas do chambre:** pompons que pendem de um roupão;
- ***Forcejar:** esforçar-se, empenhar-se;
- ***Gérmem:** embrião, semente, raiz, origem, causa;
- ***Gôndola:** veículo da época, puxado por burros;
- ***Obséquio:** favor, agrado, serviço feito de boa vontade;
- ***Airoso:** elegante, esbelto, delicado, gentil, agradável;
- ***Resignação:** renúncia voluntária a alguma coisa, paciência com o sofrimento e o sacrifício;
- ***Estúrdio:** pessoa sem juízo, imprudente, insensato;
- ***Dobrez:** fingimento, falsidade, duplicidade;
- ***Oblíquo:** inclinado, indireto, fingido, malicioso, ambíguo;
- ***Padecer:** sofrer, ser atormentado, suportar;
- ***Fortuito:** dependente do acaso, acidental, imprevisto;
- ***Fâmulo:** servo, criado, empregado;
- ***Cáustico:** pessoas com a pele corroída, queimada por alguma doença;
- ***Espírito (de vinho):** álcool;
- ***Sonata:** tipo de música clássica composta de vários trechos com andamentos diferentes;

***Estético:** diz respeito à apreciação do belo e ao prazer relacionado a ela;

***Sui generis:** expressão em Latim que significa “único no seu gênero”, peculiar, especial, único;

***Calígula:** imperador romano conhecido por sua extravagância, crueldade e perversidade;

***Tísica:** tuberculose (doença pulmonar sem cura na época);

***Índole:** tendência natural de alguém, caráter, temperamento;

***Baço:** sem cor, sombrio, cinzento;

***Contíguo:** que está próximo, vizinho;

***Epílogo:** parte final de um texto literário, desfecho, desenlace, conclusão.

Conto & Microconto – Roteiro reflexivo

- O microconto é apenas um conto (muito) pequeno ou é um gênero diferente do conto tradicional, com uma forma própria de contar histórias e de afetar o leitor?
- Você considera que a escolha de palavra por palavra é mais importante em um conto, em um microconto ou nos dois? Por quê?
- O escritor Marcelo Spalding diz que nunca viu ninguém chorar lendo um miniconto. Você concorda? Quais sentimentos os minicontos podem despertar com mais facilidade?
- Microconto de mistério e terror: como fazer as pessoas terem medo ou ficarem surpresas e incomodadas com tão poucas palavras?
- Considerando que o mais importante nas histórias de terror é provocar medo (um efeito), responda: é mais fácil causar medo por meio de um conto ou de um microconto? O tipo de medo é o mesmo? E a forma de causar esse medo, muda?
- O escritor argentino Júlio Cortázar diz que “O romance vence sempre por pontos, enquanto o conto deve vencer por nocaute.” Seguindo essa analogia, como o microconto venceria uma luta?
- Ao ler um microconto que considera bom, você sente que leva mais tempo lendo o texto ou pensando nele? Comente esta resposta à frase de Ricardo Piglia: “Se um conto conta sempre duas histórias, um microconto conta mil e uma histórias”.
- Para muitos autores, o microconto é um gênero literário que tem relação com as novas tecnologias de difusão de informação e com o novo público que essas tecnologias criaram. Em quais mídias os microcontos parecem funcionar melhor? Quais são as características desse novo público?

- Para você, essas novas tecnologias vão aposentar de vez tecnologias antigas como os livros, os jornais e as revistas? E o microconto, veio para aposentar o conto e o romance ou não?

Fontes:

<https://pt.wikipedia.org/wiki/Miniconto>

<https://medium.com/reflex%C3%B5es/o-dinossauro-e-outras-pequenas-est%C3%B3rias-74edb70f2d93>

<https://www.escrevendoofuturo.org.br/conteudo/biblioteca/nossas-publicacoes/revista/artigos/artigo/1013/a-onda-dos-microcontos>

<https://www.recantodasletras.com.br/teorialiteraria/3770428>

<https://notaterapia.com.br/2016/06/30/os-incriveis-micro-contos-de-terror-em-duas-frases-da-pra-assustar-com-tao-pouco/>

<http://minicontos.com.br/?pg=1615>

<https://conceito.de/conto-de-terror>